

# ENSAIO SOBRE A TAREFA DO ESCLARECIMENTO NA PERSPECTIVA DIALÓGICA

## *Essay on The Clarification Task In a Dialogic Perspective*

Tamara Cardoso

**RESUMO.** Ensaio sobre a tarefa de esclarecimento e a importância do processo dialógico para a interassistencialidade. Trata, primeiramente, do significado e dos pressupostos teóricos da tarefa no contexto da Conscienciologia e das instituições conscienciocêntricas. Considerando a relação entre tarefa e autoconhecimento, sugere alguns pontos a serem observados para que, a partir de apropriações errôneas da Conscienciologia, a tarefa não se torne um assédio moral revestido. Conclui que o princípio da descrença requer dialogar e abdicar da postura de ser o portador de verdades.

**Palavras-chave:** tarefa, diálogo, assédio moral.

**ABSTRACT.** Essay on the clarification task and the importance of the dialogic process for interassistentiality. Firstly, the article broaches the meaning and the theoretical assumptions of the clarification task in the context of Conscientiology and the Conscientiocentric Institutions. Considering the relation between clarification task and self-knowledge, the article suggests some points to be observed so that, from erroneous appropriations of Conscientiology, the clarification task does not turn out to be a covered moral harassment. It concludes by stating that the Principle of Disbelief requires dialogue and the abdication of the posture of being the bearer of the truth.

**Keywords:** clarification task, dialogue, moral harassment.

O presente ensaio tem o objetivo de apresentar indagações e pressupostos acerca da tarefa de esclarecimento nos cursos de Conscienciologia. Para isso, defende o diálogo e a escuta como meios mais adequados para relacionar tarefa de esclarecimento e autoconhecimento na perspectiva do princípio da descrença e do respeito ao próximo. Defende que a apropriação indevida de certos conceitos da Conscienciologia pode levar a posturas de assédio moral.

## 1 INTRODUÇÃO: A TAREFA DE ESCLARECIMENTO NA CONSCIENCILOGIA

Desde nossa infância somos ensinados a pensar em uma perspectiva religiosa ou materialista. A perspectiva materialista nega a realidade multidimensional e as vivências pessoais a ela subjacentes. Na perspectiva religiosa, segundo Da Luz (2011), as vivências da realidade multidimensional, ou os fenômenos parapsíquicos, são transformados em crenças irracionais, ao invés de serem interpretados e estudados em um paradigma científico e racional.

Foi com a publicação do livro *Projeções da Consciência - Diário de Experiências Fora do Corpo Físico*, em 1981, que o médico Waldo Vieira propôs o estudo dos experimentos que visam levar a consciência a sair do soma, ou seja a projetar o próprio energossoma, o psicossoma ou o mentalsoma. No ano de 1986, Vieira viria a publicar o mais completo tratado científico sobre o tema: *Projeciologia: Panorama de experiências da consciência fora do corpo humano*. O autor, propositor da ciência Conscienciologia, relaciona neste tratado diversos experimentos que visam levar a consciência a vivenciar a realidade multidimensional. Por exemplo, a técnica do Estado Vibracional.

A Conscienciologia é uma ciência evolucionista, ou seja, parte do pressuposto da evolução da consciência. Esta ocorre através da interassistencialidade. Ou seja, é ajudando umas às outras que as consciências evoluem. Existem basicamente duas maneiras de assistir: consolar ou esclarecer.

A Tarefa da Consolação (TACON), visa a assistência às necessidades primárias e afetivas das consciências. A tarefa da consolação é necessária e pode ser de grande ajuda às consciências cujas necessidades primárias e afetivas não estão satisfeitas. Entretanto, há casos nos quais a tarefa da consolação é instrumento de manipulação de populistas religiosos ou políticos.

Por sua vez, a Tarefa do Esclarecimento (TARES), é uma força de ajuda ao desenvolvimento integral das consciências. Na Conscienciologia, o objetivo maior da tares é esclarecer quanto à realidade multidimensional. Significa entender que não somos só o corpo físico (soma), mas temos também um corpo emocional (psicossoma), mental (mentalsoma) e energético (energossoma), e já vivemos outras vidas. A consciência se manifesta em um conjunto de PENSENES, pensamentos, sentimentos e energias, cujas características foram construídas a partir das experiências vivenciadas ao longo das múltiplas vidas (seriéxis). Por este motivo, é pelo autoconhecimento, e, consequentemente, pela autopesquisa, que a consciência percebe a realidade multidimensional. Portanto, um dos objetivos da Tares, é ajudar as consciências a desenvolverem o autoconhecimento.

Segundo Vieira, no verbete da Enciclopédia da Conscienciologia “Evolução Tacon-Tares”, o desenvolvimento da assistência interconsciencial da tacon para a tares pode ocorrer de maneira lenta e gradual. Dois fatores importantes desta evolução são o Princípio do Exemparismo Pessoal (PEP), segundo o qual a consciência ensina e aprende a partir do exemplo, e o Princípio da Descrença, segundo o qual a consciência não deve acreditar em nada, mas ter as próprias experiências pessoais. Devido a este princípio, aos alunos das Instituições Conscienciocêntricas é facultado experienciar e exercitar a realidade multidimensional, ao invés de simplesmente acreditar em uma instrução.

Assim, na tarefa do esclarecimento a experiência e o exemplo predominam sobre a instrução e a crença. Ou seja: o exemparismo, a experimentologia e a descrenciologia são as características principais da tarefa do esclarecimento.

## 2 A TAREFA DE ESCLARECIMENTO NAS INSTITUIÇÕES CONSCIENCIOCÊNTRICAS

Visando principalmente a qualificação da tarefa de esclarecimento, várias instituições foram fundadas a partir do paradigma conscienciológico, são as chamadas Instituições Conscienciocêntricas, que constituem os diferentes *locus* de concentração das atividades voltadas para a auto-pesquisa e a reeducação a partir do paradigma conscienciológico (VIEIRA, 2011). Para concretizar o princípio da descrença, as Instituições Conscienciocêntricas contam com diversas modalidades de laboratórios, dinâmicas e atividades práticas visando a experimentação pessoal, científica e racional da realidade multidimensional. As Instituições Conscienciocêntricas oferecem aulas expositivas, – visando o domínio teórico dos conceitos da Conscienciologia e o desenvolvimento da erudição –, atividades práticas de bioenergética e projeção consciente e testes conscienciométricos voltados à auto-análise.

As atividades visando o autoconhecimento muitas vezes ocorrem em contextos de grupos, mediadas por um professor de Conscienciologia que dá retornos aos alunos, esclarecendo-os quanto aos próprios PENSENES. Toda consciência apresenta, em seu conjunto de PENSENES, traços-força (TRAFORES) e traços-fardos (TRAFARES). Os TRAFORES são os talentos e os traços maduros que a consciência desenvolveu ao longo das suas vidas. Os TRAFARES são os pontos falhos da consciência, constituindo fissuras na aprendizagem e imaturidades conscienciais provocadas por traumas ou inexperiências.

Embora na Conscienciologia se busque a evolução da consciência pela interassistencialidade e autoconscientização multidimensional, seus membros são consciências em evolução, sujeitas, portanto, a erros, mesmo os professores de Conscienciologia. Ou seja, todos temos trafares e trafores.

Este ensaio é dirigido a professores e alunos de Conscienciologia com objetivo de esclarecer sobre os limites da tarefa de esclarecimento quanto à percepção dos trafares. Ao ajudar o aluno a se esclarecer quanto aos próprios PENSENES, é inevitável que o professor leve-o a enxergar seus trafares. Por outro lado, em um contexto de grupo, pode também ocorrer de o professor fazer uma leitura equivocada de determinado aluno, enxergando nele trafares que na verdade ele não tem.

## 3 DIÁLOGO: PROFILAXIA DO ASSÉDIO MORAL NO PRINCÍPIO DA DESCRENÇA

A questão que aqui se coloca é: até que ponto é ético o professor de Conscienciologia apontar os trafares de seus alunos?

Vamos por partes. Na percepção dos trafares, há três eventos que podem ocorrer: um professor enxergar em um de seus alunos um trafar; um professor enxergar equivocadamente um trafar de um aluno; o aluno, a partir da tarefa realizada pelo professor, seja por meio de uma exposição teórica, seja por meio de uma prática bioenergética ou projetiva, se autoconscientizar quanto a determinado trafar. Considera-se a terceira a situação ideal.

Se o professor percebe o que acredita ser um trafar de um aluno, cabe manter certa dúvida saudável, a fim de não cair em uma intervenção errada, fazendo o aluno acreditar que tem um trafar que na verdade não tem, ou, o que é pior, expondo o provável trafar de um aluno de maneira vexatória a ele. Devemos evitar a crença de que temos a verdade sobre o outro, e o motivo é muito simples: a visão que temos do outro é externa, somente o outro sabe o que vai dentro de si, no íntimo de seus PENSENES.

O outro tem sua visão interna de si. Eu tenho a imagem externa do outro. A visão externa não diz em totalidade quem o outro é. Por um lado, a imagem externa é contextual, pois cada pessoa tende a agir de modos distintos dependendo do contexto. Por outro lado, não temos acesso ao modo pessoal e subjetivo como o outro vivencia suas experiências. Entretanto, a visão externa complementa a visão interna. Ou seja, é no diálogo entre o “eu” e o “outro” que se tem acesso ao autoconhecimento. Como nos lembra Bakhtin, a compreensão de si e do outro é um processo de criação.

*A compreensão criadora* não renuncia a si mesma, ao seu lugar no tempo, à sua cultura e nada esquece. A grande causa para a compreensão é a *distância* do indivíduo que compreende – no tempo, no espaço, na cultura – em relação àquilo que ele pretende compreender de forma criativa. Isso porque se o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente nem a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudarão; sua autêntica imagem externa pode ser vista ou entendida apenas por outras pessoas, graças à distância espacial e ao fato de serem *outras*. (BAKHTIN, 2006, p. 365-366)

A visão do outro é importante para completar a visão de si. A autoconsciência só existe no diálogo com outras consciências. O outro possibilita a autocompreensão porque é possível se ver através dos seus olhos. Não somos os portadores das verdades do outro, apenas de uma parte. O processo dialógico é a base de toda a hetero e autocompreensão. Por este motivo, o autoritarismo, que impede o diálogo e não deixa espaço para a resposta do outro, não gera autoconhecimento no processo de interassistência. Assim, embora a visão externa seja importante para a obtenção da autocompreensão, esta só é eficaz no processo dialógico. O não diálogo é a negação do outro, uma vez que seu ponto de vista é desconsiderado e ele passa a ser julgado por alguém cujas experiências e valores lhes são externos.

Nos processos de educação conscienciológica, no momento em que o professor age como se fosse o portador das verdades alheias, bloqueia o processo de autoconhecimento, pois o outro não é ouvido, não lhe é permitido expressar sua interioridade, seu contexto e suas experiências. Mesmo que o professor tenha acesso à história de seu aluno, a compreensão de como este aluno vivencia subjetivamente suas experiências só poderá ocorrer por meio do diálogo, da escuta ativa. O professor que, sem escutar, diz quem o outro é, exerce um julgamento, no qual utiliza normas e regras que lhe são próprias, mas que não pertencem ao universo do outro. Exerce, assim, um julgamento arbitrário. Ao outro, o aluno julgado, resta escolher entre aderir inteiramente ao professor, correndo o risco de negar a si, ou ter de negar o professor.

O professor que não escuta o ponto de vista do aluno e que faz críticas sem pesar as consequências no grupo pode, ao invés de fazer tarefas, incidir em assédio moral.

De acordo com Hirigoyen (2008), o assédio moral é toda a conduta abusiva manifestando-se por comportamentos, palavras, atos, gestos e escritos que possam trazer dano à dignidade ou integridade física ou psíquica de outra pessoa. O assédio moral pode se manifestar por críticas ferinas, subentendidos e metáforas, que provocam no outro o sentimento de inferioridade e a sensação de estar sendo humilhado. Muitas vezes, as pessoas que presenciam o assédio moral não se manifestam devido preguiça, medo ou egoísmo ou por se sentirem atraídas pelo agressor -, que não raras vezes utiliza-se de seu carisma e poder de sedução e manipulação para tomar a plateia como aliada de seus ataques. Mas pode ocorrer, também, que as pessoas não se manifestem por

não entenderem o processo de assédio moral em curso, por confundirem assédio moral com outra coisa, como a tares, por exemplo. Muitas vezes, ficamos impassíveis sem saber o que pensar diante de um acontecimento, estagnados por emoções conflituosas que não conseguimos interpretar. Nestes casos, faz-se necessário um longo período de reflexão calma, para entender.

Se o assédio moral é praticado em uma instituição pelo chefe contra seus subordinados, pode gerar um efeito cascata. Aquele que foi vítima de assédio moral tenderá a descontar em outro colega a violência sofrida. Nos grupos, o assédio moral pode ser detonado pela ação de alguém que detém o poder ou ser iniciado e se espalhar devido à competitividade, inveja ou intolerância às diferenças.

Segundo Carvalho (2009), o assédio moral pode ocorrer na vida privada, no ambiente de trabalho ou na escola. Na escola o assédio moral pode ser praticado pelo professor ou pelos próprios estudantes contra o professor ou algum colega.

Conflitos ou comentários ferinos eventuais não necessariamente se configuram como assédio moral, principalmente se são seguidos de um pedido de desculpas. É a humilhação repetida, sem esforço de abrandá-la, que configura o assédio moral.

#### 4 DISTORÇÕES DAS IDEIAS CONSCIENCIOLÓGICAS

Na Conscienciologia o limite entre tares e assédio moral não é tênue. Mesmo assim, cabe esclarecer, em alguns pontos, como determinadas distorções das ideias conscienciológicas podem promover o assédio moral.

*Na tacon se faz média, se doura a pílula, enquanto na tares se esclarece:* isso não significa que devemos dizer os tráfares alheios o tempo todo, na frente de uma plateia e descuidadamente, promovendo uma humilhação pública.

*O mais doente ajuda o menos doente:* Não significa que a relação mais doente e menos doente seja fixa. Todas as pessoas apresentam características mais evoluídas e outras menos. Ser docente de conscienciologia, tenepessista e epicon não é um atestado de evolução. Todos temos a aprender uns com os outros. Admitir a interassistencialidade é abrir-se para o diálogo aberto.

*A consciência evolui pela vontade:* Não significa que devemos responsabilizar e culpabilizar uma consciência por suas mazelas, perdas, doenças e fragilidades. Não temos acesso aos meandros da evolução o suficiente para julgar o outro a ponto de considerá-lo culpado por suas doenças. Será que podemos manter relações saudáveis em uma comunidade que tome a doença como um desvio? Não pode a doença ser uma experiência construtiva para a consciência integral?

#### 5 CONCLUSÃO

Em síntese, a apropriação rígida e, portanto, errônea, de alguns conceitos da conscienciologia, pode ser motor de posturas pouco assistenciais ou até mesmo assediadoras. Para que nossas ações sejam pautadas pelo maxifraternismo é preciso estar aberto ao diálogo. Dialogar significa admitir o intangível, o inesperado, o subjetivo, significa abdicar do ser detentor das verdades sobre o outro. ***O diálogo solidário é, assim, o próprio princípio da descrença em ação.*** Para que

a tares não seja um revestimento para o assédio moral, basta que a voz do aluno seja considerada e que as premissas do professor se manifestem mais como hipóteses do que como conclusões quando se referem a verdades sobre quem o outro é.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CARVALHO, Nordson Gonçalves de. **Assédio moral na relação de trabalho**. São Paulo: Rideel, 2009.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio moral. A violência perversa no cotidiano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

LUZ, Marcelo da. **Onde a religião termina?** Foz do Iguaçu: Editares, 2011.

VIEIRA, Waldo. **Interassistencialidade**. Enciclopédia da Conscienciologia. Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2007, p.1370-1372.

\_\_\_\_\_. **Evolução Tacon-Tares**. Enciclopédia da Conscienciologia. Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2007, p.1109- 1111.

\_\_\_\_\_. **700 Experimentos da Conscienciologia**. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Internacional de Projeciologia, 1994.

\_\_\_\_\_. **Manual da Proéxis**. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Internacional de Projeciologia, 1998.

**Tamara Cardoso** é pedagoga, mestre em educação, professora universitária. Docente de Conscienciologia desde 2010. Voluntária da Conscienciologia desde 2000. Voluntária do CEAEC. Email: tcardosoandre@yahoo.com.br